

NOTAS SOBRE EVANGÉLICOS, POLÍTICA E GÊNERO A PARTIR DAS ELEIÇÕES DE 2022*

Nina Rosas¹

Resumo: Trago neste texto apontamentos sobre religião e política, a partir de duas estratégias. Tomo como referência, de um lado, o artigo *Mulheres evangélicas para além do voto: notas sobre processos de engajamento, política e cotidiano*, de Jacqueline Teixeira e Lívia Reis. De outro, cotejo-o com uma breve reflexão sobre a Teologia do Domínio e a aproximação de parte dos evangélicos com o bolsonarismo, exemplificada por Ana Paula e André Valadão. Proponho, fazendo eco às autoras, que as chaves de leitura atuais se centrem em sistemático escrutínio e revisão de categorias, como família e guerra espiritual, e em tomarmos como imprescindível análises a partir da variável gênero, que está indissociavelmente ligada a raça e classe.

Palavras-chave: evangélicos; política; gênero; bolsonarismo; Valadão.

NOTES ON EVANGELICALS, POLITICS, AND GENDER FROM THE 2022 ELECTIONS

Abstract: In this paper, I bring notes on religion and politics, based on two strategies. I take as reference, on the one hand, the article *Evangelical women beyond the vote: notes on processes of engagement, politics, and daily life*, written by Jacqueline Teixeira and Lívia Reis. On the other hand, I compare it with a brief discussion on the Dominion Theology and the approximation of part of the evangelicals with Bolsonaroism, exemplified by Ana Paula and André Valadão. I propose, echoing the authors, that the current reading keys center on the systematic scrutiny and review of categories, such as family and spiritual warfare, and on taking as essential analyzes based on the gender variable, which is inseparably linked to race and class.

Keywords: evangelicals; politics; gender; Bolsonaroism; Valadão.

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora adjunta do Departamento de Sociologia da Universidade de Minas Gerais Brasil. E-mail: rosasnina@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4133-187X>.

* Como citar: ROSAS, Nina. Notas sobre evangélicos, política e gênero a partir das eleições de 2022. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 22, n. 42, p. 65-82, 2023.

INTRODUÇÃO²

Dirimindo qualquer dúvida que pudesse haver, as eleições de 2022 no Brasil consolidaram, em absoluto, a centralidade da religião para a vida pública, seja a religião por meio dos valores e das crenças que produz, seja por meio dos temas de interesse que encampa. Para acadêmicos, na verdade, não havia qualquer questionamento quanto à importância dos arranjos envolvendo a fé (Almeida e Toniol, 2018). Um rol de exemplos nesse sentido, com enfoque nos evangélicos, é elencado por Mariano (2022), que retoma a redemocratização, a constituição da Bancada Evangélica, o engajamento dos religiosos em disputas em torno de direitos humanos, sexuais, reprodutivos e políticas educacionais, até chegar à relação mais recente com o *impeachment* de Rousseff, o antipetismo e a eleição de Bolsonaro. Diante desse cenário, é possível pinçar dois emblemas. Como mostrado por Teixeira e Reis (2022), um deles é a imagem de Michelle Bolsonaro — uma primeira-dama comumente vista com blusas de malha, com escritos como “Ore pelo Brasil” e “Jesus”, ajoelhada ou levantando as mãos em reverência religiosa. Pode-se chamar à cena também a carta “Compromisso com os evangélicos”, publicada por Lula³, ressaltando que, em seu governo anterior, promulgou decretos e leis que defendiam a liberdade religiosa, e garantindo, caso fosse eleito, o pleno funcionamento dos templos e o estímulo à parceria Estado e Igreja.

Não custa lembrar que a história do país é marcada pela relação com a religião. A Igreja Católica foi sucedânea do Estado, desde a Proclamação da República, em questões relativas à educação, à saúde e à pobreza (Montero e Almeida, 2000). Gozou de muitos privilégios até alcançar uma crise, por volta dos anos 1960, que talvez fosse acontecer com qualquer alternativa

² As reflexões que desenvolvo neste artigo-comentário agradeço às provocações do texto de Teixeira e Reis (2022), bem como aos diálogos estabelecidos com os jornalistas Mariana Sanches (BBC), Anna Virgínia Balloussier (Folha) e Diego Torres (Portal Jota), aos quais concedi entrevista por ocasião das eleições. Incongruências e equívocos aqui apresentados, todavia, permanecem como minha responsabilidade.

³ Fonte: <https://www.instagram.com/lulaoficial/>, 19/10/2022. Acesso em 29/12/2022.

religiosa que tivesse detido o poder simbólico por tanto tempo (Pierucci, 2004). Nas últimas décadas do século XX, observou-se um vertiginoso crescimento do grupo de evangélicos, ao que tudo indica, muito menos pela crise católica ou pela demora na formação de párocos (Antoniazzi, 2006) e muito mais pela capacidade de provocar nas pessoas o rompimento com uma biografia prévia (Machado, 1995), sem invalidar a base cultural religiosa e popular, e contando com um proselitismo intenso e por vezes estruturado em moldes empresariais (Mariano, 2008). É na busca por compreender o sentido público e privado apresentado por essa religião àqueles que a ela aderem que temos a imensa contribuição de Jacqueline Teixeira e Lívia Reis (2022), com o artigo *Mulheres evangélicas para além do voto: notas sobre processos de engajamento, política e cotidiano*.

Trata-se da comunicação parcial dos dados de uma pesquisa feita entre abril e setembro de 2022, com 45 mulheres evangélicas das classes C e D. Embora se pautem em conversas no modelo de tríades, e não em uma etnografia em sentido estrito, desvela ao leitor uma etnografia viva, que vai sendo desenhada ao longo da narrativa. E se há um ponto falho no texto, este consiste também em sua fortaleza. Abre-se um universo de temas, amarrados em nós específicos, mas que poderiam e deveriam ser muito mais explorados, pois, apesar das aproximadamente 40 páginas do artigo, alguns aspectos ainda ficam sem o devido tratamento. Dito de outro modo, a envergadura e a relevância do que já se apresenta merecia uma edição em livro, pois tem o potencial de se tornar uma leitura obrigatória, assim como o foi para teóricos da minha geração a obra *Novo nascimento: evangélicos em casa, na política e na igreja* (Fernandes *et al.*, 1998), produzida com base em sondagem do mesmo instituto, o ISER.

Desde o início, as autoras já entregam sua síntese sobre a relação delicada de aproximação de parte do universo evangélico com o bolsonarismo⁴. Segundo elas, Bolsonaro e sua heroína redentora (Michelle) exploraram duas

⁴ Segundo Freixo e Pinheiro-Machado (2019), o bolsonarismo é um fenômeno político de cunho ultraconservador, crítico de tudo o que possa ser identificado como esquerda

narrativas. 1) A da perseguição, feita pelo comunismo (representado, no caso, por Lula) às igrejas cristãs, que seriam fechadas, destituindo os fiéis de sua liberdade religiosa; 2) a ameaça à família e à infância, representada, por exemplo, pela suposta doutrinação de gênero nas escolas, isto é, pela sexualização das crianças e desconstrução do binarismo identitário.

Para compreender o modo como igreja, engajamento político, debates públicos e família estão articulados, é importante ter em mente que o “efeito religião” guarda sempre certa ambivalência (Rosas, 2021b). As autoras mostram que, assim como as igrejas promovem uma noção mais estendida de família, dando suporte e apoio a unidades nucleares, também permitem intenso trânsito religioso entre as distintas denominações. Ao mesmo tempo em que aparecem como um espaço de cuidado, sociabilidade, confiança, cidadania e promoção de justiça e assistência, valorizando-se a relação entre Igreja e Estado, também se defende claramente a separação entre religião e política. Foi observada falta de clareza, por parte das fiéis, quanto à governança (papel do governo federal). E, embora tenha sido uma unanimidade a percepção dos malefícios da pandemia, não foi sobre a figura de Bolsonaro que recaiu a culpa; responsabilizou-se, no geral, a má gestão de ministros, secretários, prefeitos e governadores.

As evangélicas permanecem, como registrado em pesquisas anteriores (Couto, 2002; Machado, 1996; 2005; Rosas, 2021a; Teixeira, 2014) defendendo as diferenças entre homens e mulheres e rejeitando “o feminismo” (para elas, defensor do aborto), apesar de serem favoráveis à paridade de direitos entre homens e mulheres. Digno de negrito é o que pensam, no entanto, quanto à violência sexual. Reconhecem que deve ser combatida tanto pela educação escolar quanto pelas intervenções de conselhos tutelares. E nesse sentido, para Teixeira e Reis, tal lugar de profunda vulnerabilidade funciona como um desconector ideológico, isto é, reduz (quando não anula),

ou progressismo, descrente de partidos e representantes que possuem história na política, acionador de repertório patriótico e que ultrapassa a figura de Jair Bolsonaro.

as polaridades entre a suposta ideologia de gênero e “o feminismo”, de um lado, e as crenças religiosas, de outro.

Ponto alto do texto está na ideia de livre-arbítrio, que não me recordo de ter ganhado tanto espaço na literatura mais recente, mas que, no texto, aparece como mecanismo explicativo fundamental. O direito elementar à escolha, por Deus concedido (excetuando-se a possibilidade de abortar) é o que justifica e motiva o respeito (que aparece descolado da aceitação) e o amor ao próximo no que tange à compreensão de outras sexualidades e/ou profissões de fé. É ainda o que confere as bases do combate à intolerância e ao racismo religiosos (Teixeira e Reis, 2022). Pautadas na noção de “secularismo estratégico”, de Juan Marco Vaggione, as autoras defendem tratar-se de um “relativismo estratégico” quanto ao discurso oficial de certa igreja ou liderança. Pus-me a pensar no ineditismo desse relativismo (não necessariamente defendido por elas), mas não aposto nisso. A agência dos religiosos frente ao discurso oficial sempre existiu. Em alguns lugares, com mais repressão do que em outros. Quando pesquisei os eventos doutrinadores de mulheres organizados pela pastora Ana Paula Valadão, por exemplo, observei, não raramente, que a plateia já relativizava ali mesmo o discurso pregado, sobretudo dando risadas, perceptíveis às palestrantes, mediante algumas de suas falas (Rosas, 2020).

Outro destaque está, ainda que o texto não trate especialmente disso, na biografia religiosa de mulheres que se tornam figuras de referência para as/os fiéis⁵, recuperando a noção de mediação do sagrado, de Birman (1996). Esse é o caso de Michelle Bolsonaro, com a qual as autoras abrem o artigo, e de Ana Paula Valadão que, juntamente de seu irmão – protagonista do próximo tópico, inspiram o contraponto que apresento. A seguir, tomo a família Valadão como amostra da relação entre evangélicos, retórica persecutória e mobilização política. Viso especificar a existência de duas distintas dimensões de análise nos estudos desses entrecruzamentos.

⁵ O uso intencional do artigo definido “as” visa enfatizar as mulheres em algumas formulações.

FAMÍLIA VALADÃO E A TEOLOGIA DO DOMÍNIO

A Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte é atualmente matriz do projeto Lagoinha Global, que funciona como denominação a reunir mais de 400 igrejas e cerca de 90 mil membros ao redor do Brasil e do mundo. Em seu bojo, sempre houve aqueles que se elegeram deputados e vereadores, assim como foi uma das igrejas da ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves. Na Lagoinha, nasceu o grupo Diante do Trono, inicialmente uma banda de louvor e adoração que, ao longo dos anos, projetou cantores e palestrantes de destaque, como Nívea Soares, Helena Tannure e André Valadão, além de se tornar uma rubrica a abrigar projetos dos mais diversos da cantora e pastora Ana Paula Valadão (Rosas, 2015b).

Fazendo um recorte transversal, vale recuperar o fato de que, desde o início da década de 2000, o Diante do Trono realizava orações, clamores, jejuns, reuniões e diversos trabalhos sociais, ao redor de todo o país, em favor do Brasil. A bandeira nacional sempre foi insígnia em seus eventos, muitos anos antes de os símbolos brasileiros terem sido instrumentalizados para representar o bolsonarismo. Em 2013, Valadão e outras cantoras e/ou pastoras, a convite da bispa Sônia Hernandez, fundadora da igreja neopentecostal Renascer em Cristo, se reuniram com a então presidente Dilma Rousseff, em face das manifestações que a levaram a realizar encontros com representantes de movimentos sociais. As evangélicas, ao contrário de muitos dos que foram à Rousseff, nada pediram, apenas leram a Bíblia, oraram e tiraram fotos. Em meados de 2014, Valadão declarou apoio a Marina Silva, na candidatura à presidência, decorrente do falecimento de Eduardo Campos (PSB), do qual Marina era vice.

Em 2018, na disputa eleitoral, os líderes da Lagoinha se posicionaram ao lado de Bolsonaro. André Valadão, atualmente pastor da *Lagoinha Orlando Church* e presidente da Lagoinha Global, pôde ser visto⁶ defendendo que o socialismo/comunismo pregava o compartilhamento financeiro e de bens,

⁶ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=pcXl757As3c>. Acesso em 29/12/2022.

dominando o mercado, as religiões e a educação. Afirmou que, em sua igreja e entre a família e os amigos, havia esquerdistas/petistas, mas deixou clara sua posição de discordância. Evocou posicionamento de ética e respeito, de forma semelhante ao encontrado por Teixeira e Reis (2022). No início de 2022, a aliança com o bolsonarismo se tornou ainda mais marcada. Na igreja da Flórida, André realizou, em janeiro, o *Gouverne Conference*, tendo recebido nomes de destaque da política de direita, como Fábio Faria (à época, ministro das Comunicações), Nikolas Ferreira, outrora vereador e atualmente deputado federal com o terceiro maior número de votos da história para essa função, além do foragido blogueiro Allan dos Santos, que fora acusado, em outubro de 2021, pelo Inquérito das *fake news* (Balloussier, 2022; Xavier, 2022). Logo em seguida, a igreja foi palco para o deputado federal Eduardo Bolsonaro. Alegando que pouco conhecia das Escrituras e não tinha o hábito de pregar, ele falou por mais de uma hora, analisando, como uma mesma coisa, o socialismo, o comunismo, o bolivarianismo, o progressismo e o marxismo. Exibia, no telão da igreja e em letras garrafais, a frase: “Não existe cristão socialista”⁷.

A mesma comunidade religiosa recebeu Jair Bolsonaro no mês de junho, recepcionando-o com ovações de “mito”. Na ocasião, denominada de encontro com a comunidade brasileira, Bolsonaro alegou entender que o que estava havendo em muitos países era uma luta do bem contra o mal, e se colocou como defensor de princípios, tradição e liberdade. Pontuou, sendo bastante aplaudido a cada expressão, ser contrário ao aborto, às drogas e à ideologia de gênero, e defender a família, a liberdade do armamento e a propriedade privada. Em agosto, André Valadão, juntamente com Ana Paula e demais familiares, estavam na Lagoinha de Belo Horizonte para a comemoração dos 50 anos de pastorado do pai, Márcio Valadão. Jair e Michele Bolsonaro compareceram à celebração, na qual falaram no púlpito. Ele, dizendo que o exercício como presidente era missão de Deus. Ela, com muito mais tempo de fala, evocando seu lugar de dona de casa e alegando não

⁷ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Dht7Sku0ciw>. Acesso em 29/12/2022.

ter nenhum projeto de poder. Enquanto Jair chorava ao seu lado, Michele recuperava a metáfora da guerra, afirmando que o Planalto foi, “por muito tempo, consagrado a demônios”, mas, hoje, segue é a Jesus⁸.

Doze dias depois do primeiro turno das eleições de 2022, André Valadão publicou vídeo no Instagram alegando ter sido intimado pelo presidente da Corte do Supremo Tribunal Eleitoral, Alexandre de Moraes, a se retratar publicamente em função das alegações que vinha fazendo nas redes sociais⁹. Ele aparecia com o semblante sério e, como se tivesse sido injustiçado em vez de espalhado desinformações, supostamente corrigia sua postura anterior, lendo que Lula não seria favorável ao aborto, às drogas, a pequenos furtos e à regulação da mídia e da liberdade de opinião e de culto. No dia seguinte, foi dado o esclarecimento de que André havia omitido o fato de ter sido citado em processo ajuizado pela Coligação Brasil da Esperança, que contestava o conteúdo de suas comunicações e pedia direito de resposta. O documento apenas notificava o pastor, permitindo-lhe apresentar defesa¹⁰. Valadão acionava, assim, a retórica persecutória, projetando-se como emblema da mais alta censura.

Além desses episódios, cabe acrescentar que André, que soma aproximadamente 6 milhões de seguidores em seu perfil pessoal e nos da igreja (Lagoinha Orlando e Lagoinha Global), fez intenso uso das redes sociais apoiando a recandidatura de Bolsonaro e atacando a oposição. Sua irmã¹¹ seguiu trilha semelhante, embora o tom agressivo, sobretudo contra Lula e o

⁸ Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=4z_rYGS7kOA. Acesso em 29/12/2022.

⁹ O vídeo, já excluído de sua conta, pode ser visto em <https://www.metropoles.com/brasil/eleicoes-2022/andre-valadao-se-retrata-por-espalhar-fake-news-sobre-lula-veja>. Acesso em 30/12/2022.

¹⁰ Fonte: <https://www.justicaieleitoral.jus.br/fato-ou-boato/chechagens/video-gravado-por-andre-valadao-e-desinformacao-cantor-nao-foi-intimado-para-se-retratar-perante-o-tse/#>. Acesso em 30/12/2022.

¹¹ Ana Paula Valadão, juntamente com o marido, Gustavo Bessa, agora pastoreiam a Igreja Diante do Trono, em Boca Raton, há pouco menos de três horas de Orlando, mas que não faz parte do grupo Lagoinha.

Partido dos Trabalhadores (PT), fosse visto apenas nas redes de André, que chegou a afirmar ser um elogio chamar o PT de o câncer do Brasil¹². Ana disse¹³ que seu voto era por princípios bíblicos, exemplificados por ela como a família natural e a vida. Após a derrota de Bolsonaro no segundo turno, os irmãos Valadão, assim como diversos outros cristãos, arrefeceram seu posicionamento, alegando que, a partir de agora, cabe aos religiosos a oração. Para André, o sucesso da frente ampla é compreendido como a decadência do PT, que, apesar de vitorioso, apresentou a menor vantagem da história eleitoral. Ele afirmou ainda que Luiz Inácio enfrentará grande resistência no Congresso e rejeição de pelo menos metade do país¹⁴. Há quem diga que o apoio concedido pelo religioso tem também uma razão financeira, qual seja, a de recebimento de dinheiro público, como o direcionado ao canal da Igreja da Lagoinha, a Rede Super (Correia e Fonseca, 2021). Contudo, para compreender o comportamento político de fiéis comuns, penso que vale mais a pena olhar para a agenda moral.

A pauta dos costumes entra, para uma grande parte dos evangélicos, como algo inegociável. Isso pode até não parecer uma novidade em si, mas se torna muito marcante quando religiosos bolsonaristas ignoram, quase que por completo, os fatos de corrupção do governo Bolsonaro, como as “rachadinhas”, o orçamento secreto, propinas no Ministério da Educação e as controvérsias envolvendo a compra de vacinas¹⁵, para dar apenas alguns exemplos. Arelado a isso, observa-se que, de 2018 para cá, tem se acen-tuado não somente a homogeneização da esquerda, como já sinalizado, mas a demonização dessa frente. A retórica da perseguição é muito antiga entre os evangélicos (Mariano, 2005; Mariz, 1999), mas vem traduzida mais recentemente como a possibilidade de perda da liberdade religiosa, a

¹² Fonte: <https://www.instagram.com/reel/CIKF-74okHB/>. Acesso em 29/12/2022.

¹³ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=AwjMI8MEARw>. Acesso em 29/12/2022.

¹⁴ Fonte: <https://www.instagram.com/tv/CkXE-eEBsoO/>. Acesso em 29/12/2022.

¹⁵ Ver mais em: <https://jornalistaslivres.org/relembre-os-casos-de-corrupcao-do-governo-bolsonaro/>. Acesso em 29/12/2022.

imposição de banheiros neutros, a “doutrinação sexual gay” e a retirada de bens de consumo. É tomada acriticamente por diversos fiéis, o que aliena a compreensão da autonomia dos sujeitos; dentro do escopo da batalha espiritual, problemas sociais são, na maioria das vezes, endereçados como questões supra-humanas.

Para Teixeira e Reis (2022), é preciso desnaturalizar os ditos costumes e as categorias que em relação a eles orbitam, como família, direitos, liberdade, sexualidade, gênero etc. E eu acrescentaria que é preciso pôr em perspectiva a própria noção de luta, guerra, batalha, interpretando o sentido dado no recorte particular que se apreende. Afinal, inimigos espirituais repousam sobre adversários específicos na realidade concreta que, com o tempo, varia. A Igreja Universal, por exemplo, por anos, tomou como oposição a religiosidade afro-brasileira, lógica que permeou outras denominações do meio evangélico. Na Lagoinha, atualmente, os inimigos são o comunismo, a ideologia de gênero, a corrupção, a mentira, a legalização do aborto, a liberalização das drogas, a educação sexual nas escolas e a censura. Defendo que revisar as noções empregadas seja um hábito colocado permanentemente na agenda não apenas de antropólogos, mas também de sociólogos e cientistas políticos que tratem de religião. O não questionamento desses significados pode levar a um uso tácito dos conceitos, invalidando qualquer teoria que sobre eles se assente, por mais bem formulada que seja.

Alterando a lente de análise para uma perspectiva macro, mas que não entendo ir na contramão da tarefa que acabo de sugerir, cumpre recuperar a ideia de que parte dos religiosos que estão se alinhando à extrema-direita brasileira possui intenção de ocupar estrategicamente o país, o que chamei, ao estudar a Lagoinha, de dominação, para fazer referência à *Dominion Theology* (Rosas, 2015b). Sumariamente, a Teologia do Domínio se resume na ideia de que o domínio e a autoridade sobre a Terra, dados por Deus aos homens desde Adão, foram perdidos em função do primeiro pecado. Recuperados por Jesus através do sacrifício vicário, deveriam ser, então, retomados pelos crentes. Isso se daria por meio de luta espiritual contra o

diabo, que estaria bloqueando a atmosfera terrena e impedindo o fluxo do céu e a emanção de bênçãos.

Como corolário, pensa-se que os fiéis não estariam em seus locais de trabalho apenas para sobreviver. Teriam a oportunidade de exercer liderança e ditar regras de acordo com os valores do reino de Deus. Crê-se que a vontade de Deus é que o seu povo passe a “dominar” a sociedade na qual vive, pois isso promoveria justiça, alegria, harmonia, amor e prosperidade a todos. Assim, seria necessário que as pessoas que carregam um alto padrão de moralidade bíblica procurassem ocupar posições de grande reconhecimento, como no campo do governo, das artes, da mídia etc. Além de defenderem uma moralidade conservadora, sujeitos de fé que a essa crença aderem estariam garantindo, assim, a ausência de corrupção, prostituição, mentira, iniquidade, abusos e violências, além de aumento de riquezas, saúde, liberdade e paz. A Teologia do Domínio é uma chave analítica bastante importante se compreendida como pedagogia criadora de uma moralidade que orienta comportamentos¹⁶.

Ricardo Mariano, trazendo o repertório de Amy Erica Smith, vai dizer que, no Brasil, se observam as ditas guerras culturais, que seriam, emulando o estadunidense *Christian Right* (movimento político-religioso radical), disputas de longa duração dentro do enquadramento democrático, mas acentuando o “ativismo político de feitio antipluralista, patriarcalista, antifeminista, antigênero, familista e homofóbico no Congresso Nacional” (Mariano, 2022, p. 225). A ideia de pensar a Teologia do Domínio guarda grande afinidade com a interpretação de Mariano, embora eu advogue pela cautela ao ler, no autor, uma narrativa que trate de uma terceira pessoa do plural, indicando uma agência coletiva por parte dos evangélicos. De fato, há uma parcela real de representantes político-religiosos que possui uma agenda de poder, como André Valadão, Silas Malafaia, Edir Macedo, entre outros. Também cumpre trazer à memória a existência de coletivos políticos, como a já mencionada

¹⁶ Ver mais sobre ela em Rosas (2015a).

Frente Parlamentar Evangélica, além daqueles mais alinhados à esquerda¹⁷, como a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, a Bancada Evangélica Popular, o Evangélicas pela Igualdade de Gênero etc. Todavia, os religiosos não estão todos necessariamente articulados e, nem quando estão, como se vê, se organizam do mesmo lado¹⁸. Além do mais, certa fotografia das similitudes pode deixar escapar divergências significativas que subsistem.

De um lado, o fortalecimento da extrema-direita é um fenômeno global, não necessariamente religiosamente motivado. No caso do Brasil, há um movimento antidemocrático que mobiliza a religião porque encontra nela, e a ela oferece, pontos de conformidade. Por outro lado, a religião não deixa de ser, em si mesma, um sistema de preservação e (re)distribuição de poder, de estratificação social e de luta por espaço, voz e *status* (Woodhead, 2007), e que localiza nesse movimento político uma força brutal para lutar contra o avanço de certas pautas, como a LGBTQIA+, interpretadas como ameaça. Na verdade, quando os crentes se alinham a uma política de extrema-direita, eles estão se preocupando com a vida, com a manutenção do tradicionalismo e com a liberdade religiosa, ainda que essa última não tenha estado de fato sob ameaça. No entanto, quando colocamos as lentes sobre sua liderança (de maior ou menor expressão), é que vemos se tratar de bem mais do que isso, o que nos leva a afirmar que os evangélicos (no caso, seus nomes de mais destaque, em ação conjunta, mas muitas vezes em carreira solo) querem poder, lugar de fala, benefícios políticos, possibilidade de extensão de sua agenda moral, religiosa, conservadora e reguladora a espaços territoriais, simbólicos, políticos e culturais.

¹⁷ Um excelente detalhamento das controvérsias envolvendo esses grupos foi feito por Vital da Cunha (2021).

¹⁸ Foge do escopo deste texto uma comparação sobre a biografia desses sujeitos e coletivos, mas apenas a título de outro exemplo, durante a pandemia de Covid-19, líderes evangélicos tiveram posicionamentos distintos sobre a vacinação e a abertura dos templos religiosos. Ana Paula Valadão defendeu com mais rigor a adoção de medidas preventivas, diferentemente de Edir Macedo e Silas Malafaia (Batista Jr., 2020).

Apesar disso, nunca podemos cair na armadilha de acreditar que os fiéis votam em uníssono. Minha aposta é que eles votam com aqueles que performam maior aderência aos valores ligados à fé. E vão calibrando a bússola na busca de uma compatibilidade entre a identidade do que se pretende representante e as crenças, embora não devamos homogeneizar ou planificar esse universo de afetos, afinal, o campo dos valores cristãos, mesmo que rotulado de bíblico e eterno, está em constante construção. Em resumo, por meio do contraponto apresentado neste artigo, eu quis enfatizar uma lógica multinível. Isto é, uma coisa são os projetos político-religiosos de dominação, que não estão aqui sendo postos em xeque. Outra bem diferente é o cotidiano rico das experiências dos crentes. E é a esse universo que dá voz o texto de Teixeira e Reis (2022), recusando-se às abstrações que comumente fazemos nós sociólogos.

CONCLUSÃO

É preciso ter em mente que evangélicos não são um todo coeso, uniforme ou homogêneo, embora haja, constantemente, na mobilização de ativos políticos, a evocação de nação ou povo evangélico – identidade explorada inclusive contra aqueles do grupo que apresentam um pensamento diferente (Vital da Cunha, 2021). Como dito por Teixeira e Reis (2022), as experiências cotidianas servem para intrinchar ou nuançar as prescrições eclesiais e deveriam ser observadas, senão mais, ao menos na mesma medida em que as intenções da liderança religiosa, pois se encontram não apenas “nas margens”, mas guardam possibilidades reais de fraturar e até cataclismar as guerras culturais e/ou os projetos de dominação. E, nesse sentido, a família aparece como categoria central para os evangélicos, ecoando a população mais geral do país, e, portanto, fundamental para entender a política, o Estado e a governamentalidade (Teixeira e Reis, 2022).

Em 2010, dois dos maiores pesquisadores das religiões brasileiras (Pierucci e Mariano, 2010) foram categóricos no recado que queriam

transmitir aos futuros estudiosos — que se observassem tão-somente as religiões que figurassem como alavancas de mudança. O conselho precisa ser reelaborado. Não por inabilidade de seus formuladores, longe disso. Mas por que, 12 anos depois, já se sabe ser incontornável a complexidade da religião como fator explicativo. E mais. Atualmente já há quem parta de uma posição axial — e essa, a meu ver, é a principal contribuição do texto de Teixeira e Reis (2022) — relativa à articulação concreta entre religião e outros marcadores sociais da diferença, em especial as relações de gênero e cuidado, nem sempre destacadas nas pesquisas das décadas precedentes. Arrisco dizer, e sem pretender grande ousadia, que, qualquer estudante de pós-graduação em Ciências Sociais de hoje, que estude a religião evangélica (mesmo se analisar o discurso institucional dos líderes ou a trajetória política dos religiosos), começará sua pesquisa partindo do ponto que o fenômeno sobre o qual se debruça é majoritariamente feminino e periférico (com predomínio de pessoas pardas e pretas), ainda que seja notória a dificuldade de dar conta da diversidade e dos interesses cotidianos das/dos fiéis.

Nessa trilha, é preciso deixar um novo recado aos pesquisadores, qual seja, de que não prescindamos, ora nenhuma, de uma abordagem interseccional quando o que queremos explicar são as mudanças sociais, culturais e políticas que se revestem, orbitam, margeiam ou têm como fulcro a religião. É que sempre ouçamos as/os crentes, a fim de perseguir os sentidos que atribuem à vivência da fé. Desse modo, toda vez que necessário for, estaremos dispostos a seguir certas categorias, ou abandoná-las e nos apropriarmos de outras, não só a fim de oxigenarmos o pensamento, mas para nos mantermos leais às ideias daqueles para os quais a religião está no centro da existência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo; TONIOL, Rodrigo. *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

ANTONIAZZI, Alberto. *Porque o panorama religioso no Brasil mudou tanto?* São Paulo: Paulus, 2006.

-BIRMAN, Patrícia. Mediação feminina e identidades pentecostais. *Cadernos Pagu*, n. 6-7, p. 201-226, 1996.

CORREIA, Mariama; FONSECA, Bruno. TV do pastor André Valadão recebeu R\$ 217 mil do governo em ano eleitoral. *Agência pública*, São Paulo, 21 out. 2022.

COUTO, Maria Thereza. Gênero, família e pertencimento religioso na redefinição de ethos masculinos e femininos. *Revista Antropológicas*, v. 13, n. 1, p. 15-34, 2002.

FERNANDES, Rubem César; SANCHIS, Pierre; VELHO, Otávio et al. *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na política e na igreja*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FREIXO, Adriano de; PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Dias de um futuro (quase) esquecido: um país em transe, a democracia em colapso. In: PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, Adriano de. *Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização*. Oficina Raquel, 2019.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Corpo e moralidade sexual em grupos religiosos. *Revista de Estudos Feministas*, v. 3, n. 1, p. 7-27, 1995.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. São Paulo: ANPOCS, 1996.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *Revista de Estudos Feministas*, v. 13, n. 2, p. 387-396, 2005.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, ed. 2, 2005.

MARIANO, Ricardo. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. *REVER – Revista de Estudos da Religião*, v. 8, p. 68-95, 2008.

MARIANO, Ricardo. Ativismo político de evangélicos conservadores rumo à extrema-direita. In: INÁCIO, Magna; OLIVEIRA, Vanessa Elias de. (Ed.). *Democracia e eleições no Brasil: para onde vamos?* São Paulo: Hucitec, p. 219-236, 2022.

MARIZ, Cecília. A Teologia da Batalha Espiritual: uma revisão da bibliografia. *BIB- Revista Brasileira de Informação Bibliográfica*, vol. 47, setembro, p. 33-48, 1999.

MONTERO, Paula; ALMEIDA, Ronaldo. O campo religioso brasileiro no limiar do século: problemas e perspectivas. In: RATTNER, Henrique. *Brasil no limiar do século XXI*. São Paulo: Edusp, p. 325-340, 2000.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Bye-bye Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.

PIERUCCI, Antônio Flávio; MARIANO, Ricardo. Sociologia da religião, uma sociologia da mudança. In: MARTINS, Carlos Benedito; MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza. *Sociologia*. São Paulo: ANPOCS, p. 279-301, 2010.

ROSAS, Nina. *Cultura evangélica e “dominação” do Brasil: música, mídia e gênero no caso do Diante do Trono*. Tese (Doutorado em Sociologia) – PPGS/UFMG, Belo Horizonte, 2015a.

ROSAS, Nina. “Dominação” evangélica no Brasil: o caso do grupo musical Diante do Trono. *Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar*, vol. 5, n. 1, p. 235-235, 2015b.

ROSAS, Nina. *Mulher, pra que religião? Uma crítica aos conselhos conserva-dores da pastora Ana Paula Valadão*. KDP, 2020.

ROSAS, Nina. Heterossexualidade e homossexualidade: prescrições sobre o uso do corpo das mulheres evangélicas. *Religião e Sociedade*, v. 38, p. 176-197, 2021a.

ROSAS, Nina. Religião evangélica e mulheres no Brasil: atualizações, realinhamentos e lacunas de um campo de estudo. In: 45º Encontro Anual da ANPOCS, on-line, 2021b.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. Mídia e performances de gênero na Igreja Universal: o desafio Godllywood. *Religião e Sociedade*, v. 34, n. 2, p. 232-256, 2014.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes; REIS, Livia. Mulheres evangélicas para além do voto: notas sobre processos de engajamento, política e cotidiano. *Debates do NER*, ano 22, n. 42, 2023.

VITAL DA CUNHA, Christina. Irmãos contra o Império: evangélicos de esquerda nas eleições 2020 no Brasil. *Debates do NER*, v. 21, n. 39, p. 13-80, 2021.

WOODHEAD, Linda. Gender differences in religious practice and significance. In: BECKFORD, James A.; DEMERATH, N. J. *The Sage Handbook of the Sociology of Religion*. Londres: Sage, 2007.

XAVIER, Luiz Gustavo. Nikolas Ferreira é o deputado mais votado do País com 1,47 milhão de votos. *Agência Câmara de Notícias*, Brasília, 02 out. 2022.

Recebido em: 10/01/2023

Aprovado em: 10/01/2023

